

A CULTURA LATINA NA CONTEMPORANEIDADE*

Gilson Magno dos Santos**

A língua latina forjou uma continuidade cultural, que dura mais ou menos três mil anos. Ela constituiu-se como a fonte de um grandioso patrimônio espiritual e cultural, pelo qual o Ocidente se distingue na sua tradição antiga e cristã. Tem sentido, ainda hoje, fazer-se a mesma pergunta feita por Renzo a Dom Abbondio, no célebre romance de Manzoni, *Promessi Sposi*:

— *Che vuol che io faccia del suo latinorum?*

sobretudo, quando essa se põe no contexto de uma sociedade globalizada, com a cultura técnico-científica dominante? Não se deve exprimir uma preocupação meramente conservadora, uma nostalgia dos *laudatores temporis acti*, mas a convicção de que a língua latina tem hoje mais do que nunca uma relevância na cultura contemporânea.

Numerosos são os sinais confirmadores da nossa proposição. Entre eles, o mais eloquente é o conjunto das línguas românicas, o mais atuante e vivo legado de Roma à nossa civilização. Elas conservam vestígios indelévels de sua filiação ao latim no vocabulário, na morfologia, na sintaxe, etc.

Primeiramente, a língua latina foi o dialeto da Cidade de Roma (*sermo urbanus*). Ela permaneceu língua culta de toda a Europa, durante muito tempo, depois que deixou de ser falada. Foi veículo da cultura e das relações diplomáticas entre as nações européias. Tornou-se a língua universal da Igreja Católica: na liturgia e nos documentos oficiais. Na Botânica, na Zoologia, na Medicina, no Direito, na Teologia e na Filosofia encontram-se, não só uma terminologia de identidade científica em língua latina, mas, também, um amplo cultivo do latim.

Segundo FARIA (1958, p. 2), com o esfacelamento do Império Romano, o latim, que era falado em seu vasto território, passou a se desenvolver, independentemente, em cada região. Sem ter mais o poder centralizador e vivificador de Roma, veio a desaparecer, principalmente, no Oriente, mas, no Ocidente, transformou-se em outras línguas novas. Deste modo, na realidade, o próprio latim continuado —com as alterações impostas pelo tempo e pelas circunstâncias locais—, transforma-se no que se denomina atualmente de línguas românicas ou neolatinas, cujas principais são o português, o espanhol, o francês, o provençal, o italiano e o romeno.

A língua latina tem sido sempre o principal veículo da cultura Ocidental, continuando a ser a chave imprescindível para o conhecimento, de primeira mão, dos Credos, Códigos, Leis, Literatura, Filosofia e Ciência da Europa Ocidental, considerada em seu desenvolvimento histórico. Na contemporaneidade, em que grandes transformações sociais estão em andamento, mais do que nunca, é necessário que as pessoas tenham conhecimento nítido e exato do caminho por onde trilham seus antepassados. Isso será impossível sem haurir das torrentes profundas do manancial da latinidade. Seu cultivo, longe de constituir obstáculo para os conhecimentos práticos modernos, é, antes, um elemento necessário e subsidiário aos mesmos. Nossa civilização perderá em extensão e profundidade, em estabilidade e riqueza, se for amputada de suas raízes latinas. Trilhemos, agora, pelas sendas históricas da constituição da língua portuguesa, deixando-nos conduzir pelo sopro materno da língua latina.

* Conferência realizada em 17 de abril de 2008 na Academia de Letras da Bahia, por ocasião de sua sessão ordinária mensal.

** Prof. Dr. de Língua e Literatura Latina da Universidade Federal da Bahia - UFBA.

CONCEITO DE ROMÂNIA

Documentado pela primeira vez por Paulo Orósio, discípulo de Santo Agostinho, em *Historiae Adversus Paganos* (VII, 6, 43), o termo România parece ser uma criação popular, já que ao citá-lo Paulo Orósio acrescenta *ut vulgarter loquar* (para falar de modo popular).

Inicialmente, ‘romano’ se opunha ‘bárbaro’, no sentido de ‘estrangeiro’, ‘não latino’ ou ‘não grego’. România se opunha a ‘barbaria’ e ‘barbáries’; nesse sentido, no período clássico encontra-se o termo Barbaria.

Quanto a România, porém, não se sabe quando esse termo passou a ser de emprego corrente. A expressão de Paulo Orósio faz supor que se trata de um termo usual na língua falada, para designar todo o Império Romano ou o mundo romano. Curiosamente, esta atestação de România coincide com o período em que o mundo romano se esfacelava e os godos pretendiam construir a Gótia sobre as ruínas da România. O termo ocorre, também, no biógrafo de Santo Agostinho, Possídio, que qualifica os Vândalos de *Romaniae eversores*.

No Oriente, encontram-se várias atestações de România, empregado como sinônimo de Império Romano, tanto Ocidental como Oriental. Assim, Santo Atanásio considera Roma a ‘Capital da România’. Também Santo Epifânio diz que o espírito demoníaco dominou Ario e o levou a pôr fogo na Igreja que incendiou quase toda a România, sobretudo as partes do Oriente.

No Ocidente, România mantém o sentido político equivalente a Império Romano. Posteriormente, România passa a designar os territórios onde se mantinha a cultura romana, sobretudo onde se falava uma língua românica. Quando Carlos Magno fundou o chamado Sacro Império Romano, România adquiriu, também, um sentido político, como denota um documento do Rei Luís, o Pio, e de Lotário, em que se alude a *in nostris et Romaniae finibus* — isto é, nos nossos territórios e nos da România. Essa denominação permaneceu, mesmo quando o poder passou a ser exercido por imperadores residentes na Germânia. Assim, o conteúdo semântico da palavra ROMÂNIA estava tão alicerçado na mentalidade da época que chegou a se opor a Lombardia, por causa da influência dos bizantinos, especialmente, depois que estes conquistaram Ravena, única localidade, na Itália, a pertencer ao Império Romano do Oriente.

O moderno conceito de România, porém, somente foi fixado com o advento da Filologia Românica como ciência. Friedrich Diez (1794-1876) consagrou o termo ao dividir a România em Ocidental e Oriental, no que foi seguido, posteriormente, pelos romanistas em geral. Com base na tradição, Gaston Paris buscou definir tal conceito em 1872. Para ele, România define-se como o conjunto dos territórios onde se falou latim ou onde se fala uma língua românica, incluindo as respectivas literaturas e a cultura de seus povos, levando-se em conta as mudanças ocorridas no tempo e no espaço relativas à abrangência dos territórios considerados românicos. Assim, distinguem-se três fases na história da România. (BASSETTO: 2005 p.177-179).

România Antiga

As primeiras atestações da România indicam que o termo era sinônimo de Império Romano ou Orbe Romano, com denotação étnica e política no Ocidente e apenas política no Oriente. A esse conjunto de territórios, que nos primeiros decênios do século II d.C. atingiu sua extensão máxima, com um total de 301 províncias, dá-se o nome de România Antiga. A denominação se apóia em critérios mais políticos que em lingüísticos e culturais. É certo que em todas as Províncias, mesmo nas mais distantes, o Latim era falado, pelo menos, pelo exército, pela administração, pelos colonos e comerciantes. Mas houve Províncias que fizeram parte dessa România Antiga por muito tempo, como Armênia (de 114 a 117 d.C.), a Assíria e a

Mesopotâmia (de 115 a 117 d.C.), nas quais a latinização foi nula ou quase ausente. Em todo o Oriente, a língua usual era o grego, e o latim não chegou a se impor.

Outras regiões, como os *Agri decumates*, a leste do rio Reno e norte do rio Danúbio, e também a Britânia, conquistada, lentamente, entre 43 e 71 d.C., foram latinizadas apenas superficialmente. Nesses territórios, a presença romana deixou seus traços em numerosas ruínas de obras públicas, tais como aquedutos, teatros, estradas etc., mas restaram poucos vestígios da língua do império. (BASSETTO: 2005, p. 179).

România Medieval

A redução da România Antiga começou, portanto, já no século II d.C.. As invasões dos povos germânicos e eslavos causaram a fragmentação, primeiramente, política e, posteriormente, lingüística da România. O Império do Oriente subsistiu ainda por cerca de dez séculos. Ali, porém, o predomínio da língua e da cultura gregas sempre foi incontestável, embora o latim tivesse sido a língua oficial por muito tempo.

Assim, com a queda do império Romano do Ocidente, em 476, o conceito de România passou a ser, eminentemente, cultural e lingüístico e, eventualmente, político. A România Medieval abrange as regiões em que se continuou a falar o latim vulgar, agora em rápido processo de fragmentação rumo a dialetos e línguas românicas através da fase romance. Trata-se, portanto, de uma România reduzida, composta pela Itália, Récia, Gália, Ibéria, ilhas mediterrâneas, Dalmácia e Dácia territórios onde, grosso modo, nasceriam os dialetos e as línguas românicas. (BASSETTO: 2005 p. 180).

România Moderna

A fase moderna da România começa no fim do século XV, quando portugueses e espanhóis, levados pelo êxito da Reconquista da Península Ibérica, atacaram o norte da África. Ao mesmo tempo, os portugueses projetaram contornar a África e combater o islamismo e a reaver a Terra Santa. A estes objetivos religiosos juntaram-se outros, econômicos e comerciais, como estabelecer relações diretas com a África Oriental, tendo em vista escravos, especiarias e outras mercadorias.

Iniciaram-se, assim, as grandes navegações com a descoberta da Ilha da Madeira (1419), dos Açores (1431) e de Cabo Verde (1445). Vasco da Gama encontra a rota para as Índias, em 1498, contornando o Cabo das Tormentas e, em 1500, Pedro Álvares Cabral chega ao Brasil. Cristóvão Colombo descobre a América Central, em 1492, seguido por numerosas expedições que incorporaram grande parte das Américas ao Reino Espanhol e nelas implantaram a língua castelhana.

A expansão dos povos e da coletividade de língua românica mostram que a România Moderna é a mais ampla das três, embora não se tenha fixado em todos os territórios para os quais a respectiva língua românica foi levada. De qualquer forma, porém, as línguas românicas são faladas em todos os continentes, detentoras em toda parte de uma literatura muito vasta e valiosa. (BASSETTO: 2005, p. 182-183).

FASES DA EVOLUÇÃO DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Até aqui, foram abordados, particularmente, os aspectos relativos á localização do latim e das línguas românicas no espaço, aspectos mais relacionados com sua história externa. Resta

verificar as fases de sua evolução interna, ou seja, as fases através das quais o latim, em sua variedade vulgar, originou as línguas românicas.

Sob esse ponto de vista, a diacronia das línguas românicas se divide em três fases, cujo *terminus a quo* é o latim vulgar e o *terminus ad quem* são as línguas românicas, passando-se por uma fase intermediária, comumente, denominada de 'romance' e que, eventualmente, poderá ser subdividida. (BASSETTO: 2005, p. 183-184).

Fase latina

A fase latina corresponde ao período em que o latim vulgar e o urbano eram a língua do Império, e se estende, aproximadamente, do século IV a. C. ao século V ou VI d.C.. Observe-se que os fatores internos e externos à língua são portadores de elementos de igual importância quando da compreensão do processo pelo qual passam as línguas na sua evolução. Foi, assim, nesta fase que intervieram todos os fatores internos e externos que motivaram, posteriormente, o surgimento das línguas românicas. Embora o '*terminus a quo*' seja o latim vulgar, os fatos mostram que a relativa coesão interna da norma vulgar foi mantida, enquanto o latim da administração e de outras instituições centralizadoras atuavam como forças catalisadoras e/ou unificadoras. Com o desaparecimento da norma urbana, no início do século VI, aproximadamente, a norma vulgar entrou em processo de fragmentação mais ou menos rápido conforme a região. A rapidez da fragmentação foi determinada por fatores como o grau de latinização e a ação mais ou menos efetiva dos substratos e superstratos, além das variações dialetais do próprio latim vulgar. Nos referimos, neste momento, aos dialetos regionais em confronto com o latim nas suas mais pluriformes variações.

Postulam-se bases latina vulgares diversificadas e explicadas pela época em que a região foi latinizada, pelas distâncias em relação ao centro e pela dificuldade de acesso e de comunicação. Desse modo, as regiões de colonização mais antiga teriam um latim mais arcaico, enquanto as mais recentes apresentariam uma língua mais evoluída. Essas circunstâncias, porém, podem ter sido atenuadas pela presença da administração e os outros fatores apontados. (BASSETTO: 2005, p. 184).

Fase romance

Esta fase abrange o período em que o latim vulgar começa a se modificar até se transformar nas línguas românicas modernas. Trata-se de um processo lento e continuado, que se estende por séculos e que acabou por alterar o latim vulgar, estruturalmente, e a fragmentar sua unidade no plano territorial. Não houve nenhum limite cronológico claro entre o latim e o florescer das línguas românicas, não sendo, portanto, possível dizer quando o latim vulgar deixou de ser falado, pois foi um processo gradual sem maiores injunções, cujo '*terminus ad quem*', afinal, são as línguas românicas. Chegou-se, desse modo, a uma época em que esse conjunto de modificações fez com que o latim já não fosse mais entendido. A esse tipo de linguajar deu-se o nome de romance, originário do *Romanice fabulare*, oposto ao *Latine loqui*.

Da mesma forma que o latim vulgar, as variações estruturais não foram escritas. Os que escreviam o faziam em latim medieval, sob as mais diversas denominações, como latim patrístico, litúrgico, eclesiástico, dos diplomas, das chancelarias, latim notarial, dos tabeliões e outros. Na documentação histórica, que chegou aos nossos dias, encontram-se muitos termos romances, mais numerosos que os do latim vulgar em textos literários. A atitude das pessoas cultas em relação ao romance era semelhante à dos escritores e gramáticos latinos relativamente ao *sermo plebeius*. Entretanto, por causa dessa elite culta, não houve de fato interrupção entre literatura latina tardia e literatura latina medieval. Os modelos para a prosa e para o verso

continuaram a ser os clássicos, residindo a dificuldade, cada vez mais, no manejo de uma língua não mais falada, ordinariamente. Nesse contexto, surgiram os glossários, destinados a facilitar a leitura de textos em latim, língua que já soava diferente, como quando, hoje, lemos um texto em português arcaico. O processo modificador, em direção ao romance e às línguas românicas, começou bem cedo sob a influência dos substratos e dos adstratos, já durante o período do bilingüismo. A evolução desse processo modificador e fragmentador era percebida por observadores, como São Jerônimo (348-420), discípulo de Aelius Donatus, ao afirmar que o latim se modificava ‘*et regionibus quotidie... et tempore*’ (Comm. Ad Gal 2.3). A hipérbole expressa pelo *quotidie* —diariamente— denota a rapidez da fragmentação lingüística aos olhos do autor. Os regionalismos e empréstimos lexicais multiplicaram-se e fortaleceram-se. A ausência de um fator unificador, por exemplo, a administração romana, facilitou essas modificações. (BASSETTYO: 2005, 185).

Em substituição às forças centrípetas de Roma, surgiram outros centros, quer político-quer religiosos, com as dioceses e suas escolas e mosteiros. Formaram-se, portanto, muitos centros, cuja área de influência não têm limites definidos. Aliás, os habitantes do antigo Império Romano não estavam todos integrados ao *orbis Romanus*. Desconheciam o nacionalismo como o entendemos hoje. O romance local era considerado, apenas, uma forma popular e familiar da língua comum, o latim. Embora divididos politicamente, as populações românicas mantiveram, por muito tempo, ainda, o sentimento de pertencer a uma só grande nação. Certamente, a tentativa de Carlos Magno de restaurar o antigo Império Romano procurara capitalizar esse sentimento. Por outro lado, o cristianismo não favoreceu o nacionalismo e com ele o anseio por uma língua nacional distinta. A Igreja, com sua complexa unidade religiosa e herança cultural latina, representou uma grande força de coesão da Europa Ocidental, a partir da conversão dos povos bárbaros.

Quando, porém, os limites das diversas nações vieram a tornar-se menos instáveis e os falantes românicos assumiram o *status* de língua literária, a situação se alterou. A fase romance é variável para as diversas línguas românicas, de modo que as respectivas línguas literárias aparecem em épocas diferentes. Os primeiros documentos surgem entre os séculos IX e XVI. Consideram-se os dois textos dos juramentos de Estrasburgo (842), escritos em *romana língua*, como o primeiro documento elaborado em uma língua românica. Em português, os primeiros documentos começaram a surgir no século XII, formados com base nos falares de Lisboa e de Coimbra. Assim, de modo geral, as línguas românicas assumiram sua feição literária definitiva nos séculos XV e XVI. (BASSETTO, p. 186-187).

Pelo exposto, autores renomados, como, por exemplo, Amado Alonso defenderam a evidência de uma România Contínua. Estabeleceram-se, então, critérios de relações entre as línguas românicas:

- a) Grau de latinização inicial;
- b) Grau de fidelidade posterior à tradição latina.

Na avaliação do primeiro critério, precisa-se levar em conta diversos fatores, tais como: a época em que o povo foi conquistado; a maior ou menor resistência oposta à penetração da cultura latina; a variação do esforço colonizador romano; além de outros aspectos de menor relevância. Contudo, o critério da “latinização inicial” não é o suficiente. Daí a necessidade de utilizar-se o segundo critério, quando se referir ao do “grau de fidelidade posterior à tradição latina”. Dessarte, com base nesses dois princípios, Amado Alonso propôs o que denominamos România Contínua. Esse enfoque fortalece a presença constante do latim, fonte em que as línguas românicas recorrem sempre a buscar empréstimos. (BASSETTI, 258-259).

O contato constante com os textos latinos implica em um *continuum* processo de análise e síntese que confere precisão, clareza e disciplina ao pensamento, lucidez de expressão, habilidade para harmonizar fundo e forma ,em que são arquitetadas a estrutura e a construção

vernáculos. Sob esse aspecto, a posição do latim é privilegiadíssima porque, mais do que qualquer outro idioma, envolve a tradução não de palavras isoladas, mas, sobretudo, de idéias.

TRAÇOS DA LÍNGUA LATINA NA CONTEMPORANEIDADE

1. O Direito

O Direito exerceu um papel importante na civilização Ocidental. É uma criação típica do gênio romano. O Direito Romano Antigo vai até a edição da Lex Aebutia (149-126 a. C.), para, a partir daí, ingressar no chamado período clássico, que só terminaria com a morte de Domiciano em 305 d.C., dando lugar ao Direito Romano Pós - Clássico até a morte do Imperador Justiniano em 565 d.C.. Considerando que o sistema jurídico brasileiro tem arraigadas ligações com o Direito Romano, um estudante de direito não pode desconhecer “a organização jurídica daquele povo que se impôs ao mundo como verdadeiros mestres do Direito”. Segundo Nobregada (MAFRA, 1985, p. 20), o conhecimento do latim é tão somente a fase preliminar e obrigatória para que alguém possa pronunciar-se, com autoridade, sobre as obras clássicas dos juristas romanos. Do mesmo modo, o conhecimento do latim é a fase preliminar e obrigatória para que o estudante brasileiro, através do Direito Romano, possa interpretar o sistema jurídico atual, que nele tem profundas raízes.

1.1 Alguns Termos Técnicos

- (01) **Abundans cautela non nocet**
Cautela excessiva não prejudica.
- (02) **Absolvere debet iudex potius in dubio quam condemnare.**
Em caso de dúvida, o juiz deve antes absolver que condenar.
- (03) **Confessio dividere non debet.**
A confissão não deve dividir-se.
- (04) **Confessio est Regina probationum.**
A confissão é a rainha das provas.
- (05) **Dura Lex, sed Lex.**
A lei é dura, mas é a lei.
- (06) **Ex facto oritur ius.**
De fato nasce o direito.
- (07) **In dubio pro operário.**
Em caso de dúvida, decide-se pelo operário.
O operário é a parte considerada mais fraca.
- (08) **In dubio pro reu.**
Na dúvida, a favor do réu.
- (09) **Mors omnia solvit** (cf. Curso de português jurídico. Ed. Atlas).
A morte desfaz todas as coisas.
- (10) **Nullum criminem sine lege.**
Não há crime algum sem lei.
- (11) **Salus populi suprema Lex est.**
A salvação do povo é a lei suprema.

1.2 Locuções Latinas

- (12) **Ab initio**
Desde o início, a partir do início, de início.
▪ O processo foi anulado *ab initio*.
- (13) **Ab intestato**
Sem deixar testamento.
- (14) **Absente reo**
Na ausência do réu, estando o réu ausente.
- (15) **Ad cautelam**
Para efeito de cautela, de prevenção.
- (16) **Ad corpus**
Para o corpo; usa-se na venda de um imóvel sem especificação de área.
- (17) **Ad hoc**
Para isto, para caso especificado, determinado.
- (18) **Ad judicium**
Para o juízo; procuração válida apenas para o juízo.
- (19) **Ad libitum**
Segundo a deliberação, vontade, arbítrio.
- (20) **Ad nutum.**
Segundo o arbítrio, livremente.
- (21) **Ad perpetuam rei memoriam**
Para perpetuar a lembrança da coisa, prova que se produz para conservação, perpetuação do direito.
- (22) **Ad referendum**
Sujeito á aprovação, á apreciação.
- (23) **Animus**
Intenção, vontade, propósito.
▪ animus necandi (de matar)
▪ animus habendi (de ter)
▪ animus furandi (de furar)
▪ animus laedendi (de ferir)
▪ animus donandi (de dar)
▪ animus injuriandi (de injuriar)
▪ animus manendi (de permanecer).
- (24) **A quo.**
Procedência (de quem, do qual).
- (25) **Bis in idem.**
Duas vezes sobre a mesma coisa; incidência de um mesmo imposto sobre o mesmo contribuinte ou sobre a matéria já tributada.
- (26) **De cuius.**
O falecido, o testador falecido.
- (27) **Erga omnes.**
Para com todos, em relação a todos, de caráter geral. Esta locução é usada no Código da defesa do consumidor.
- (28) **Ex nunc.**
Ato, condição ou contrato cujos efeitos se fazem sentir com a celebração do ato, sem retroatividade.
- (29) **Ex officio.**

- Em função, em decorrência do ofício, do cargo.
- (30) **In limine.**
No começo, no início, no limiar.
- (20) **In loco.**
No lugar, no próprio local.
- (21) **Inter vivos.**
Entre vivos, durante a vida, em vida (emprega-se no imposto predial).
- (22) **Lato sensu.**
Em sentido amplo, geral. Pós-graduação *lato sensu*.
- (23) **Manu militari**
Por força militar, sob coação militar, policial.
- (24) **Modus faciendi.**
Modo, maneira de fazer, de proceder.
- (25) **Mutatis mutandi.**
Mudado o que deve ser mudado.
- (26) **Pari passu.**
A passo igual; no mesmo passo, de parelha.
- (27) **Passim.**
Aqui e ali; com frequência, frequentemente. Este advérbio latino usa-se após a citação de uma obra.
- (28) **Pro rata**
Em proporção, proporcionalmente.
- (29) **Sine die.**
Sem data estabelecida, sem dia definido.
- (30) **Sine qua non.**
Indispensável, obrigatória, necessária.
- (31) **Status quo.**
Na situação em que, no estado em que se acha uma questão.
- (32) **Stricto sensu.**
Em sentido estrito, determinado, especificado.
- (33) **Sub iudice.**
Em juízo, em julgamento á espera de julgamento.
- (34) **Sui generis.**
Especial, próprio, particular.
- (35) **Verbi gratia.**
Por exemplo.

2. BOTÂNICA

Os botânicos da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual de Feira de Santana têm contribuído, grandemente, para criar neologismos latinos. De modo especial, esses estudiosos, nas suas constantes pesquisas na Chapada Diamantina, enriquecem o inventário de plantas nativas com novos termos e abreviações latinas. Em cada trilha percorrida, eles encontram novas plantas, novas espécies são descobertas frequentemente. De modo especial, me refiro às orquídeas, que recebem um novo gênero *Adamantina*.

Na listagem das orquídeas, eles catalogaram cento e setenta e cinco espécies, distribuídas em sessenta e cinco gêneros.

2.1 Gênero / Espécie

- *Barbosella / Crassifolia*
- *Bifrenaria / Aureofulva* → latim *Aureus* (amarelo, dourado), *fulvus* (amarelo avermelhado).
- *Bletia / Catenulata* → latim *Caetenulatus* (semelhante a uma pequena corrente).
- *Brassavola / Turbeculata* → latim *Tuberculus* (coberto por projeções verrugosas).
- *Bulbophyllum / Lacinatum* → latim *lacinatus* (provido de lacínias ou segmentos estreitos).
- *Bulbophyllum / Involutum* (bordos curvados para dentro).
- *Cleites / exilis* (magro, fraco).
- *Cyclopógon / elatus* (elevado, alto)
- *Cyrtopodium / parviflorum* → latim *Parvus*, *flos* (tamanho da flor).
- *Encyclia / patens* (aberto, explanado).
- *Epidendrum / cinnabarium* (vermelho vivo).
- *Epidendrum / secundum* → latim *Secundus* (em referimento à disposição das flores).
- *Habenaria / Johannensis*
- *Isochilus / Linearis* → latim *Linearis* (refere às suas folhas lineares).
- *Maxilaria / Gracilis* (delicada), parte delicada de suas plantas.
- *Maxilaria / Marginata* → latim *Marginatus* (marginado), alude às margens vermelho-vinosas de suas sépalas e pétalas.
- *Myoxanthus / Exasperatus* → latim *Exasperatus* (coberto por pontas curtas e duras em referência á pubescência das bainhas do caule).
- *Notylia / Pubescens* (pubescente), em referência á curta pilosidade encontrada na coluna e na base do labelo.
- *Occeoclades / Maculata* → latim *maculatus* (maculado), refere-se ás folhas manchadas de verde-claro.
- *Oncidium / Flexuosum* → latim *Flexus* (flexuoso refere-se aos ramos sinuosos de sua inflorescência).
- *Oncidium / Varicosum* → latim *Varicosus* (provido de veias, refere-se ás calosidades que lembram varizes, localizadas na base do labelo).
- *Pleurothallis / Rubens* (tornado-se vermelho, refere-se á coloração das flores depois de secas).
- *Prescottia / Densiflora* → latim *Densiflorus* (com flores numerosas e aproximadas, em referência á morfologia de sua inflorescência).
- *Sobralia / Liliastrum* → latim *liliaster* semelhante ao lírio, alude á forma de suas flores.
- *Veygretia / Rupicola* → latim *Rupiculus* (que cresce sobre rocha ou em lugares rochosos, em referência ao seu habitat).

3. LÍNGUA PORTUGUESA

“O português é o próprio latim modificado” (Ismael Coutinho).

“Asas do mesmo pássaro o latim e o português devem voar juntos” (Napoleão Mendes de Almeida).

3.1 Alguns exemplos de processo de derivação das palavras

A língua portuguesa é enriquecida sobremaneira com elementos estruturais latinos, que seria tema de um curso trabalhar com a fonte mãe da nossa língua. Por esse motivo, me restrinjo a apontar alguns exemplos do processo de derivação de alguns vocábulos.

Há numerosos derivados em cida, cidio, cuja significação “é “ matar”:

Fatricida, homicida, infanticida, matricida, patricida, regicida, uxorcida, suicida, fratricídio, homicídio etc.

- ▶ caput, capitis: cabeça, capitão, capital, decapitar, precipício.
- Arbor, -is: árvore, arborizado.
- Pater, tris: paternidade, patrício
- Mater, -tris; mãe, maternidade
- Flumen, -is: rio, fluminense
- Vir, -i; homem, virilidade
- Sui, -is: porco, suíno
- *Equus, -i*: cavalo, equitação
- *Capilus, -i*: cabelo, capilar
- Ambulare: caminhar, perambular, ambulância

3.2 Algumas abreviações latinas usadas em Português

- i.e. (id est = isto é)
- v. g. (verbi gratia = por exemplo)
- p.s (post scriptum = depois de escrito)
- etc (et coetera = e outras coisas)
- a.m (ante meridiem = antes do meio dia, pela manhã).
- p. m (post meridiem = depois do meio dia, pela tarde)
- bis (outra vez)

4. COLEÇÃO DE HARRY POTTER

Na série literária Harry Potter, de J. K. Rowling, encontra-se uma lista de feitiços, encantamentos. Escolhemos alguns verbetes sobre as possíveis etimologias latinas das palavras mágicas dos feitiços. A. Rowling, certamente, não é uma lingüista e seu alvo é primeiramente contar uma boa história, não criar um sistema lingüístico consistente. Assim, não se deve esperar que o uso de “linguagem mágica” nos livros seja inteiramente consistente. Por esta razão, muitas vezes não há uma derivação “real” do Latim nas palavras mágicas, ou em qualquer outro termo mágico.

- Accio, - is, - ire: chamar, mandar vir (eu chamo, eu invoco).
- Descrição: Este feitiço traz os objetos ao feiticeiro, podendo ser usado de duas formas; compondo o feitiço, e nomeando o objeto desejado (‘accio firebolt’), ou apontando a varinha mágica na direção do objeto desejado e falando o feitiço para atrair o objeto até si. Este feitiço está mencionado em muitos lugares. Excepcionalmente visto em Harry Potter e o Cálice de Fogo, quando Harry usou o feitiço para trazer a sua vassoura para ele durante a primeira tarefa do Torneio Tribuxo, e também para trazer a taça deste torneio até ele, quando lutava com Voldemort.
- Alohomora: composição de aloha (Havaiano) e do latim mora, significa “obstáculo”. Ou talvez uma forma abreviada do latim frase: alo hoc mora, isto é, ‘ eu aumento a barreira’. Este feitiço está visto ou mencionado em toda a série, o seu primeiro uso foi por Hermione Granger em Harry potter e a Pedra Filosofal na porta do corredor do terceiro andar de Hogwart.

- Animus corpus. A maldição aparenta causar dano interior. Este feitiço está mencionado em Harry Potter e a Ordem da Fênix.
- Aparecium, do latim apparere significa aparecer, tornar-se visível. Porém, quando à desinência ecium paira uma certa obscuridade.
- Aqua eructo: eructo, as, avi, atum, are: vomitar, jorrar, pronunciar. Produz água, saindo da varinha do bruxo. O feitiço está mencionado em Harry Potter e o Cálice de fogo, quando Harry, Rony e Hermione precisavam lutar contra as salamandras e apagar chamas de uma certa fase do jogo.
- Aqua menti, do latim aqua e mens, -tis. Produz um jato de água que sai da varinha do feiticeiro, que provavelmente pode ser controlado com a mente. Provavelmente utilizado por Molly Weasley em Harry Potter e o Enigma do Príncipe, quando ela enche a chaleira com sopa muito rapidamente.
- Ascendio, de ascendo, is, ascendi, ascensum, ascendere; ascender, subir, montar. O feitiço faz com que o conjurador seja lançado rapidamente para cima, esteja onde estiver. Este feitiço está mencionado em muitos lugares (Harry Potter e o Cálice de Fogo, quando Barty Crouch Jr.). Usou em uma aula de demonstração em uma aranha, e também visto quando Rabicho mata Cedrico Digory.
- Avis, -is: ave, pássaro, augúrio. O feitiço cria um bando de pássaros. O termo é usado em Harry Potter e o Cálice de Fogo por Sr. Ollivander (Olivaras), para testar a varinha mágica de Viktor Krum.
- Confundus, de confundo, is, confundi, confusum, confundere: confundir, misturar; desordenar, expandir. É um feitiço para confundir. Está mencionado em Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban, quando Professor Snape surge que Harry e Hermione foram confundidos por acediatrem na inocência de Sirius Black.
- Crucio (maldição cruciatus): cruciatus, a , um, part. Perf. De crucio: atormentado. O feitiço causa enormes dores físicas por todo o corpo da vítima. Está mencionado em Harry Potter e o Cálice de Fogo, quando Barty Crouch Jr., usa a maldição em uma aranha durante a aula de defesa contra as Artes das Trevas.
- Descendo, is, descendi, descensum, descendere: descender, cair, dobrar-se, descer. Provavelmente este feitiço faz com que o objeto alvejado mova-se para abaixo. Encontramos a palavra em Harry Potter e as Relíquias da Morte. Ronny a usa para que uma escada desça e o conduza até o portão.
- Deletrius, do verbo delere significa apagar. Encontra-se em Harry Potter e o Cálice de fogo, quando Amos Diggory se livra do eco da Marca Negra da varinha de Harry.
- Densaugeo, do latim dens e augo, isto é, eu acrescento. Esse feitiço faz com que os dentes da vítima cresçam rapidamente. Encontra-se em Harry potter e o Cálice de Fogo, quando Draco Malfoy ataca Hermione fora da aula de poções.
- Deprimo, do latim deprimo: pressionado para baixo. Este feitiço cria uma pressão ascendente em seu alvo, o que pode causar uma violenta ruptura. Encontra-se em Harry Potter e as Relíquias da Morte. Hermione abre um buraco no chão da sala dos Lovegood.
- Diffindo, do latim diffindere ; cortar, dividir. Este feitiço é utilizado para cortar coisas. Esta mencionado em Harry Potter e o Cálice de fogo, quando Harry, urgentemente, quer falar com Cedrico Diggory, ele invoca a magia para rasgar sua bolsa, atrasando-o para a aula.
- Evanesco, do latim, evanescere ; desaparecer. Este feitiço faz coisas menores se desintegrarem. É visto em Harry Potter e a Ordem da Fênix, quando o Professor Snape faz a poção de Harry sumir do caldeirão. E quando Fred e Jorge apresentam seus produtos na sala comunal, Dino Thomas limpava os estragos (vômitos) no chão, com este feitiço.
- Ferula, do latim férula: muleta. O feitiço cria bandagens num machucado. Encontra-se em Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban, para enrolar a perna de rony.

- **Fidelius**, de *fidelis*, -e: (adj) fiel, leal. Como subst. *Fideles*, ium: os fiéis. Este feitiço guarda uma informação secreta dentro da alma do bruxo “recipiente”, conhecido como ‘fiel do segredo’. A informação é, então, inacessível, até que o fiel do segredo escolha revelá-la. Encontra-se em *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban* e *A Ordem da Fênix*.
- **Finite incantatem**, do latim *finio*, is, ivi, itum, ire: terminar, a cabar, delimitar. *Incantatus*, -a, -um de incanto e adj. Encantado. Este termo é usado para acabar com o efeito de um feitiço. É visto em *Harry Potter e a Câmara Secreta*, para explodir um balaço de quadribol, quando Harry e Draco Jogavam quadribol. Também usado em *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, quando Lupin fez as pernas de Neville pararem de se mecher.
- **Flagrate**, de *flagro*, as, vi, atum, are: queimar. Este feitiço marca letras com fogo. Foi usado primeiro, por Hermione em *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Ela usou este feitiço para identificar as portas do Departamento dos Mistérios que os membros da Armada de Dumbledore já tinham abertos, marcando um “X” nelas.
- **Impedimenta**, do latim *impedimentum*: impedimento. Este feitiço é capaz de paralisar o alvo de prosseguir sobre o feitiço, jogando-o para trás conforme a intensidade. É usado em *Harry Potter e o Cálice de fogo*, quando Harry está praticando para a terceira tarefa.
- **Quietus**, do latim *quietus*; calma, quieto. Este feitiço faz a voz, cujo volume foi aumentado magicamente, voltar ao normal. É usado em *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, por Ludo Bagman.

5. IGREJA CATÓLICA

A liturgia da Igreja usa línguas culturais: no âmbito ocidental a língua latina ou no âmbito eclesiástico, os ritos orientais. Particularmente, a Igreja Romana professa a sua alta estima pelo latim, como língua própria da Catolicidade. O Concílio de Trento reconheceu a importância da língua latina, mas também recomendou se falar na língua vernácula as homilias (DS 945). Tudo leva a afirmar que a Igreja Católica nunca se livrou do bilingüismo.

Nas Assembléias do Concílio Vaticano II, houve um debate caloroso sobre o uso da língua latina, um grupo mais conservador defendia o seguinte: A língua vernácula não deve ser introduzida na Missa, isso poderia ser gravemente danoso. A participação ativa dos fiéis poderia ser obtida de outro modo. De outro lado, a mudança seria inútil, porque muitos textos da Escritura permaneceriam pouco compreensível ao povo e se traduzidos, com certeza trariam muitas perturbações aos jovens, por exemplo: o episódio de Susana e expressões do Livro do Cântico dos Cânticos. Outro grupo, de posição mais moderada, defendeu ida entre outros por Giovanni Batista Montini- futuro Papa Paulo VI- se pronunciou do seguinte modo: o rito não é mutável, a Igreja deve prestar um serviço ao homem de hoje, por meio da palavra litúrgica. Deve remover qualquer obstáculo para a compreensão dos fiéis na liturgia (CAPRILE, 1966, p. 52).

A segunda posição acolheu a advertência dos missionários feita à hierarquia para mudar a prática do uso da língua latina na liturgia. O Vaticano concedia concessões parciais na liturgia.

Por fim, o Concílio Vaticano II tomou as seguintes deliberações (SC 36):

& 1- Salvo o direito particular, seja conservado o uso da Língua Latina nos ritos latinos.

& 2- Contudo, já que, ou na Missa, ou na administração dos Sacramentos ou em outras partes da liturgia pode, não raro, o emprego de a língua vernácula ser muito útil ao povo, permite-se dar-lhe um lugar mais amplo, principalmente nas leituras e admoestações, em algumas orações e cânticos (...).

A Igreja nunca deixou de fazer uso da língua latina, mesmo se a liturgia possibilitou maior flexibilidade entre o latim e o vernáculo. Os principais pronunciamentos do Magistério

Pontifícios são escritos em latim, o Vaticano II, nas suas Constituições e decretos, usou a língua latina não só nos títulos dos documentos, mas também em todo o seu conteúdo:

- Lumen Gentium
- Dei Verbum
- Gaudium et Spes
- Sacrosantum Concilium
- Unitatis Redintegratio
- Orientalium Ecclesiarum
- Ad Gentes
- Christus Dominus
- Perfectae Caritatis
- Optatam Totius
- Apostolicam Actuositatem
- Inter Mirifica
- Gravissimum Educationis
- Dignitatis Humanae
- Nostra Aetate.

Recentemente, o Vaticano publicou o *Lexicon Recentis Latinitatis*. A publicação do novo dicionário da língua latina é um marco importante na história da língua e da religião. Conforme estudiosos, o latim se faz presente em diversos campos do saber, conforme já citamos, e na vida quotidiana de muitos países. O *Lexicon Recentis Latinitatis* é uma prova da vitalidade da língua latina. Os autores examinaram acuradamente toda a latinidade desde o século VII, passando por toda a Idade Média, pela latinidade eclesiástica e pela língua grega. Foi com esses subsídios que elaboraram os novos termos, conservando as normas da filologia e da própria índole da língua latina. O neologismo pode ser formado por mecanismos oriundos da própria língua, os processos autóctones, ou por itens lexicais provenientes de outros sistemas lingüísticos. No entanto, é através dos meios de comunicação e de obras literárias que os neologismos recém-criados têm oportunidade de serem conhecidos e, eventualmente, de serem difundidos.

- Anti-clerical: clericatui adversus
- Apartheid: segregatio nigritarum, f.
- Aceleração: velocitatis variatio
- Água mineral: aqua medicata
- Aeroporto: aeroportus, us m.
- Ambulante: circumforaneus, a, um. Circulator, oris, m.
- Ativista: suffragiorum captor, m. homo actuosior, m.
- Atividade dos sindicatos: navitas collegiorum opificum, f.
- Aumento demográfico: multitudines incrementum, n. incementum natalium.
- Calculadora: machina calculatoria, f.
- Calmante: medicamentum mitigatorium, n; lenimentum.
- Descongestionar: congestionem solvo; imminuo.
- Droga: animum fragens. Equivalência: aegritudinem inspirans; vitae taedium inciens.
- Droga: medicamentum stupefactivum assuetus.
- Hot-dog: pastillum botello fartum, n.
- Lente de contato: lens inserticia, f.
- Olho mágico: fistula thermoelectronica, f. fenestella speculatoria, f.

- Radar: radioelectricum instrumentum detectorium, n.
- Racial (ódio): odium phyleticum, n.
- Zona industrial: loca questuosae industriae, n. pl.

CONCLUSÃO

Concluindo. A existência de uma língua acompanha as vicissitudes históricas do ser humano. A língua latina, mais do que qualquer outra língua moderna, acompanhou o nascimento e o declínio sócio-político da civilização ocidental. Enquanto outros idiomas tiveram seu percurso normal de evolução sem apresentar maiores incidências no pensamento humano, a língua de Roma, talvez, por ter absorvido, profundamente, as influências, de modo particular da língua grega, tornou-se uma semente que foi capaz de engendrar novas línguas, sem as deixar órfãs. Portanto, somos todos devedores do Latim em traços comuns lexicais, gramaticais, estilísticos, literários, filosóficos.

Passando pelos diversos campos do conhecimento moderno, pode-se afirmar que a língua latina não é uma língua morta. Ela renova-se a cada dia e continua viva nos textos, na vida cotidiana e, sobretudo, nas línguas que dela tiveram origem. De modo especial, a nossa querida Bahia, é um monumento vivo da presença do Latim na nossa cultura, desde as artes funerárias, brasões das faculdades e universidades às novenas barrocas do Bomfim, Conceição da Praia, Nossa Senhora da Purificação de Santo Amaro e de São Bartolomeu de Maragogipe.

Portanto, o estudo da língua latina é de grande importância para nós brasileiros, pelos motivos já expostos. Sabemos que o acervo lexical, gramatical de todas as línguas vivas se renova. O latim transformou-se ou continua em outras línguas novas, obedecendo ao dinamismo de renovação e variação.

REFERENCIAS

BASSETTO, Bruno Freggi. Filologia Românica. São Paulo: EDUSP, 2005.

CAPRILE, Giovanni. Il Concilio Vaticano II: Cronache del Concilio Vaticano II. Roma: LA Civiltà Cattolica, 1966.

DE BRITTO, A.L.V. Toscano e CRIBB, Philip. Orquídeas da Chapada diamantina. Novas Fronteiras: São Paulo, 2005.

FARIA, Ernesto, Gramática superior da Língua Latina. Livraria científica: Rio de Janeiro, 1958.

MAFRA, Johny José. Textos de latim jurídico. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1985.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. Iniciação ao estudo do latim I. Salvador: EDUFBA. 1996.